

Entre o ensino médio e o superior: as escolhas profissionais dos jovens de um cursinho pré-vestibular popular de Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Eduardo Cristiano Hass da Silva¹, Bárbara Virgínia Groff da Silva²

Resumo

O artigo apresenta uma pesquisa realizada em 2015 com jovens estudantes de um cursinho pré-vestibular popular (CEUE Pré-Vestibular) localizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Os jovens foram convidados a registrar depoimentos pessoais, sem um roteiro prévio, em um “Diário Identitário”. Para a pesquisa, foram selecionados doze escritos em que os sujeitos apresentaram suas trajetórias de vida, sonhos e desejos, bem como os questionamentos relacionados ao futuro e à escolha profissional. Os escritos foram analisados a partir do referencial teórico das juventudes, tendo como questão de pesquisa compreender quem são esses sujeitos que frequentam um cursinho pré-vestibular popular e o que desejam para seus futuros. Os resultados da pesquisa mostram a importância da contribuição de tais cursinhos na trajetória profissional desses jovens, bem como na entrada de sujeitos provenientes de classes sociais menos favorecidas na universidade pública.

Palavras-chave

Pré-Vestibular Popular. Juventudes. Escolhas Profissionais.

1. Mestrando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: eduardo.cristiano@acad.pucrs.br.

2. Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; professora da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. E-mail: barbara.vgs@gmail.com.

Between high school and higher education: the professional choices of young students of an affordable university entrance preparatory course in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil

Eduardo Cristiano Hass da Silva*, Bárbara Virgínia Groff da Silva**

Abstract

This article presents a survey conducted in 2015 with young students of an affordable university entrance preparatory course (CEUE Pré-Vestibular), located in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. Young students were invited to write personal testimonials in an "Identity Diary" without following any script. For this research, twelve testimonials were selected in which people described their life stories, dreams and desires, as well as questions related to their future and vocational choices. The writings were analyzed from the theoretical framework on youths, and the research question revolved around understanding who were the individuals attending the preparatory course and what they were expecting to achieve in future. The survey results show how these affordable preparatory courses can contribute to the professional path of students as well as to the entry of underprivileged classes into public universities.

Keywords

Affordable University Entrance Preparatory Course. Youths. Career Choices.

* MSc student in History, Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail: eduardo.cristiano@acad.pucrs.br.

** MSc in Education, Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil; teacher at the public educational system, State of Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail: barbara.vgs@gmail.com.

Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa realizada com estudantes de um cursinho pré-vestibular popular, vinculado ao Centro Universitário de Engenharia (CEUE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na cidade de Porto Alegre, RS. A pesquisa ocorreu durante o ano de 2015, surgindo das vivências dos pesquisadores enquanto docentes de jovens estudantes que almejam continuar os estudos em instituições de ensino superior. A partir de um caderno denominado Diário Identitário, foi possível entrar em contato com os sujeitos, selecionados para compor a turma noturna do cursinho pré-vestibular e analisar suas trajetórias, seus desafios pessoais e projetos para o futuro com relação à educação superior.

O artigo divide-se em quatro partes, sendo que, em um primeiro momento, serão apresentados alguns aspectos relacionados aos cursinhos pré-vestibulares populares, destacando o percurso do “CEUE Pré-Vestibular”. Em seguida, apresentaremos a pesquisa realizada, que analisa os depoimentos escritos pelos estudantes que aceitaram participar do Diário Identitário a partir dos estudos relacionados com as juventudes.

Dos cursinhos pré-vestibulares empresariais aos cursinhos populares: possibilidades de estudo e tensionamento social a partir da educação

De acordo com Bastos e Ermel (2012),

3. Este decreto definia que a matrícula em uma instituição de ensino superior seria possível para candidatos com idade a partir dos dezesseis anos, com comprovação de idoneidade moral e que fossem aprovados no exame vestibular. Para realizar o exame vestibular, o candidato teria que pagar uma taxa de inscrição e apresentar certificado de aprovação nas matérias que constituíam o curso ginasial do Colégio Pedro II (conferido pela instituição ou por estabelecimentos com currículos equiparados à instituição em questão). Esse exame era distinto entre as faculdades e era composto de provas escritas e orais. Para a parte escrita, eram solicitadas duas traduções: a primeira de um texto em francês; a segunda poderia ser uma opção do candidato entre um texto em alemão ou inglês. As provas orais eram divididas por cursos. Para Medicina, os conteúdos eram sobre física, química e história natural; para a Escola Politécnica, o conteúdo exigido era sobre matemática elementar; para a Faculdade de Direito, os conteúdos eram sobre história universal, elementos de psicologia e de lógica e história da filosofia (BRASIL, 1915).

a presença de exames orais ou escritos na educação brasileira remonta ao século XIX. Se, a princípio, os exames eram exigidos para o ingresso no ensino superior, posteriormente, outras avaliações surgiram em etapas anteriores à Universidade, como os exames admissionais, que selecionavam os estudantes que estariam aptos a ingressarem no ensino secundário. Com relação ao termo “exame vestibular”, ele surgiu pela primeira vez no Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915 (BRASIL, 1915), que pretendia reorganizar o ensino secundário e o superior no Brasil³.

Entretanto, foi durante a reforma universitária de 1968 que o exame vestibular foi configurado da maneira como conhecemos atualmente: com provas unificadas para todos os candidatos a uma vaga em instituição de ensino superior. Essa mudança ocorreu por meio da Lei nº 5.540/68 (BRASIL, 1968) e foi regulamentada pelo Decreto nº 68.908/71 (BRASIL, 1971), elaborado exclusivamente para o concurso vestibular. Esse decreto definia que as provas seriam organizadas por disciplinas do ensino de grau médio, acrescidas de uma língua estrangeira moderna, devendo ser elaboradas a partir de técnicas que assegurassem a aptidão para estudos superiores dos candidatos.

Com relação aos cursinhos pré-vestibulares, Whitaker (2010) argumenta que eles começaram a surgir a partir do momento em que a demanda de estudantes aptos a ingressar no ensino superior era maior que a

quantidade de vagas nas instituições. Segundo a autora, os primeiros cursinhos preparatórios eram “artesanais”, valendo-se de um mercado consumidor que estava apenas começando. Contudo, a partir da reforma universitária de 1968, ocorreu uma expansão e profissionalização dos cursinhos pré-vestibulares (com a criação de grandes redes empresariais). A autora compreende a formação de cursinhos pré-vestibulares a partir de dois aspectos: primeiro, a demanda dos grupos sociais favorecidos economicamente que desejavam garantir que seus filhos e filhas ingressassem nas universidades, utilizando-se da estratégia de um curso fora do espaço escolar para a revisão de conteúdos, e, ao mesmo tempo, a formação desse nicho comercial que se apresentava cada vez mais atrativo, favorável à expansão e à obtenção do lucro por parte de novos grupos empresariais.

Portanto, o cursinho pré-vestibular nasceu como uma “estratégia das elites” (WHITAKER, 2010, p. 290), propiciando mais uma vez a permanência da desigualdade de oportunidades a partir da desigualdade escolar. Conforme Bourdieu (2007), a escola é conservadora, pois foi pensada e planejada para um grupo social específico que possui vivências e aprendizados que ultrapassam as idades escolares e a própria instituição de ensino. Alunos que possuem defasagens com esse capital cultural, devido a sua posição social, sentem dificuldades escolares e, aos poucos, apresentam resultados negativos, sendo rechaçados com o passar do tempo. Os exames escolares ou o vestibular legitimam essas desigualdades sociais e educacionais por meio da ideia de mérito, em que o aluno é o responsável pelo seu não aproveitamento, desconsiderando-se as condições sociais e

culturais para a realização satisfatória da prova⁴.

No que concerne à desigualdade presente em vestibulares, Pereira, Raizer e Meirelles (2010, p. 87) argumentam:

A conquista por uma vaga numa instituição de ensino superior (IES) pública – federal ou estadual – fica praticamente inalcançável para aqueles que não tiveram acesso aos recursos educacionais, familiares, afetivos e emocionais suficientes para vencer a disputa. Dessa forma, devido ao contexto socioeconômico que oprime boa parte da população, ao sucateamento da escola pública que atua decisivamente para a diminuição da qualidade do ensino ofertado e à necessidade permanente de qualificação que o mercado de trabalho exige, configura-se um descompasso entre a excelência das IES públicas e a sua disponibilidade de estar aberta àqueles que mais precisam de seu serviço.

À vista disso, surgem os cursinhos pré-vestibulares populares, que buscam oferecer oportunidades de ensino e reforço educacional para seus estudantes (desprovidos de capital cultural) ingressem no ensino superior. Sendo assim, a “estratégia das elites” é ressignificada e novas possibilidades de estudo e socialização surgem pelo país. Alunos de graduação, professores, movimentos sociais e Igreja Católica são diferentes agentes que passam a pensar em cursinhos populares como uma possibilidade de tensionamento social e de crítica a uma educação elitista, que favorece apenas uma minoria.

Filho (2010) argumenta que os cursinhos populares devem ser compreendidos não apenas como um espaço de preparação para o vestibular, mas também como um movimento social que pretende gerar uma tensão social e

4. Bisseret (1971) enuncia que a ideia de aptidão para os estudos e sucessos em provas e testes favorecem a manutenção das desigualdades sociais, pois constituem espaços profissionais e de poder para alguns e não para todos. A concepção do mérito, do indivíduo que estudou e aproveitou a oportunidade, promove a ideia de que os exames são imparciais e foram elaborados a partir de uma lista de conteúdos, em que todos os concorrentes tiveram acesso e puderam estudar. Sendo assim, não se questiona que tipo de educação e possibilidade de estudo cada indivíduo teve ao longo da vida. Em caso de reprovação, a tendência é o indivíduo se sentir culpado pelo acontecido, sem criticar as distintas oportunidades educacionais presentes em uma sociedade desigual.

um repensar sobre a educação básica e superior e seus critérios de seleção. Via de regra, os sujeitos envolvidos com a organização de cursinhos pré-vestibulares populares são pessoas conscientes de seu papel na sociedade e que buscam alternativas para atender a demanda de segmentos populares excluídos ao ensino superior com interesse em continuar seus estudos. Segundo Pereira, Raizer e Meirelles (2010, p. 89):

Os mais diversos locais são usados para a “sala de aula” do cursinho popular: salão paroquial, associação de moradores, escolas públicas ou privadas e, até mesmo, um espaço em alguma residência. Assim, há um claro componente de ativismo nessas tentativas de preparação ao vestibular, sendo isso importante para a mobilização das pessoas, uma vez que o espaço de um cursinho é uma reunião de sonhos e necessidades que congrega pessoas com trajetórias similares e que, de alguma forma, não se acomodam diante da estrutura social que as oprime.

Com relação aos cursinhos populares, Whitaker (2010) reitera que se os cursinhos surtem um resultado positivo e são eficientes para a aprovação em vestibulares, é justo que todos os candidatos tenham acesso a eles. Contudo, Pereira, Raizer e Meirelles (2010) defendem que esses espaços sejam mais do que momentos de reprodução de conteúdos, favorecendo momentos de diálogo e socialização com os sujeitos que frequentam seus espaços e que necessitam aumentar a autoestima, trocar experiências e aprender uns com os outros. Por isso, alguns cursinhos populares acrescentam em seus trabalhos algumas disciplinas e momentos que favorecem a troca de ideias, discussões e reflexões sobre a sociedade, bem como as desigualdades educacionais brasileiras, além de favorecer uma troca de experiências entre

professores e estudantes sobre suas vivências.

Segundo Whitaker (2010), os cursinhos populares originaram-se a partir dos movimentos sociais. Os primeiros exemplos surgiram a partir da segunda metade do século XX em diretórios acadêmicos, com cursinhos de baixo custo em que os próprios estudantes de graduação eram os professores⁵. Entretanto, segundo a autora, a partir da década de 1980, com os novos movimentos sociais, partidos de esquerda e grupos da Igreja Católica, os cursinhos pré-vestibulares populares passaram a ser pensados como alternativas para a inclusão de grupos minoritários, bem como para a reivindicação por melhores condições educacionais.

A busca pela qualificação no mercado de trabalho, o sucateamento da escola pública e a percepção de que o vestibular favorece um tipo de ensino propedêutico que não está acessível para a maioria, propiciaram o desenvolvimento e a proliferação de cursinhos populares como estratégias de movimentos sociais. A próxima seção apresenta o CEUE pré-vestibular e o local onde a pesquisa foi pensada e executada. Localizado em Porto Alegre, RS, esse cursinho possui uma trajetória de décadas na preparação para os exames vestibulares.

CEUE: o pré-vestibular do Centro Universitário de Engenharia da UFRGS

De acordo com o site institucional, o CEUE pré-vestibular foi criado no ano de 1955 pelo Centro Universitário de Engenharia (CEUE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fundado com o objetivo de oferecer reforço para as disciplinas de matemática, física e química, o curso posteriormente foi transformado em pré-vestibular, oferecendo todas as disciplinas exigidas no processo seletivo, principalmente para alunos de baixa renda.

5. É neste contexto que podemos entender o surgimento do CEUE pré-vestibular. No entanto, apesar de suas origens estarem nos anos 1950, Pereira (2007) destaca que apenas nos anos 1990 o cursinho adquire as características de um pré-vestibular popular.

O curso é tido como uma forma de retribuir à sociedade a oportunidade que os alunos do CEUE têm de estudar em uma universidade pública.

Dos alunos que cursaram o pré-vestibular em 2014, 49 conseguiram vaga na UFRGS, em diversos cursos: Administração (3), Arquitetura e Urbanismo (2), Biotecnologia, Ciência da Computação, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Sociais (3), Comunicação Social – Jornalismo, Comunicação Social – Relações Públicas (2), Dança – Licenciatura, Educação Física, Engenharia Ambiental, Engenharia Cartográfica, Engenharia Civil, Engenharia da Computação, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia de Produção (4), Engenharia Elétrica, Engenharia Física, Engenharia Hídrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Metalúrgica (2), Farmácia, Filosofia – Licenciatura, Física – Licenciatura (3), Geologia, História (2), Letras – Bacharelado, Letras – Licenciatura, Matemática – Licenciatura, Psicologia, Química, Química Industrial, Saúde Coletiva e Zootecnia.

O processo seletivo para o ano de 2015 contou com uma prova de 25 questões gerais sobre conhecimentos do ensino médio e um parágrafo dissertativo. O custo mensal do curso, incluindo o material didático, é de R\$ 60,00. Além disso, são fornecidas bolsas para alunos que comprovarem situação de sensibilidade socioeconômica, cabendo ao candidato protocolar o pedido. A realização de provas seletivas e o ato de cobrar taxas dos alunos para que frequentem as aulas são criticados por alguns autores, que observam nessas práticas mecanismos excludentes de oportunidades sociais. Bacchetto (2003) afirma que esses cursos estão inseridos em uma lógica capitalista, porém favorecendo grupos sociais que não poderiam arcar com os custos de uma preparação para o

vestibular em cursinhos de caráter empresarial. Sendo assim, a melhor denominação para esses cursos pré-vestibular, como o próprio CEUE, seria de “cursinhos populares ou alternativos”, e não comunitários.

Atualmente, o curso preparatório CEUE conta com duas turmas, uma vespertina e outra noturna. As aulas acontecem de segunda a sexta, com cinco períodos em cada dia. As disciplinas que compõem a estrutura disciplinar do curso são aquelas exigidas pelo vestibular da UFRGS: Biologia, Espanhol, Física, Geografia, História do Brasil, História Geral, Inglês, Literatura, Matemática, Português, Química e Redação. Oficialmente, o pré-vestibular não conta com disciplinas específicas para a realização de debates sobre as realidades dos alunos, disciplinas que geram espaços de discussão social como salientam Pereira, Raizer e Meirelles (2010). No entanto, como destaca Barbosa Filho (2010), a existência de um cursinho pré-vestibular popular já é uma estratégia de resistência e tensionamento social por si só. Além disso, mais do que revisar conteúdos, muitos dos professores que atuam nas diversas disciplinas, especialmente nas ciências humanas, geram espaços de discussão sobre diferentes temáticas. Na disciplina de História do Brasil, em paralelo aos conteúdos historicamente tidos como importantes, são discutidas questões referentes a gênero, etnia e diferenças sociais, temas fundamentais para a compreensão da realidade brasileira⁶.

Algumas questões surgem para os docentes que atuam no cursinho devido à heterogeneidade do grupo discente: Quem são estes jovens? Que cursos almejam? Quais são seus planos para a constituição de suas trajetórias profissionais? Como o currículo escolar tem atuado para que possam se

6. A relevância da discussão de tais temas afirma-se cada vez mais no contexto educacional brasileiro. No ano de 2015, por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) contou na prova de redação com o tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” (ENEM, 2015). A temática não pode ser pensada em caráter disciplinar, mas sim a partir do conjunto de discussões levantadas em diferentes disciplinas.

constituir como sujeitos? Qual a contribuição do curso preparatório? Essas são algumas das questões que permeiam este trabalho e que, de alguma forma, permitem a compreensão de quem constitui o grupo de jovens do CEUE.

Para responder a esses questionamentos, foi proposta aos alunos a construção de uma espécie de diário coletivo da turma, intitulado Diário Identitário⁷. Os alunos foram convidados a escrever no caderno, se assim o desejassem, podendo levá-lo para casa, entregando-o no dia seguinte para outro colega. Na primeira página do caderno foi apresentada a proposta do diário aos alunos:

Aqueles que optarem escrever no nosso diário precisam estar cientes e concordar com algumas coisas:

1. Ninguém é obrigado a escrever no diário;
2. O Diário Identitário tem como objetivo permitir a construção de um perfil da turma, bem como permitir que possamos nos conhecer;
3. Os escritos aqui realizados serão utilizados em uma pesquisa científica realizada pelo professor, cujo objetivo é entender quem são e quais são as juventudes presentes no CEUE;
4. Todos os que escreverem podem ler os escritos dos colegas, buscando construir novos laços afetivos, sempre com respeito;
5. Sintam-se livres para escrever, desenhar, colar...

Neste trabalho será analisado o Diário Identitário da turma do período noturno do curso pré-vestibular. A turma conta com 40 estudantes, dos quais 12 tiveram seus escritos analisados. As respostas analisadas ocuparam 18 páginas do diário. Depois de lidos os escritos, eles receberam palavras-chave de acordo com os temas que se sobressaíram. Visto que cada escrito poderia receber mais de uma palavra-chave, o resultado foi o apresentado na seguinte tabela:

Quadro 1 – Principais temáticas que emergiram do Diário Identitário.

Palavras-Chave	Nº de vezes que aparece
Escola	12
Trabalho	5
Profissão	10
Realização	3
Música	7
Filmes/Séries	7
Literatura	6
Subjetividade	10

Fonte: Os autores (2016).

As palavras-chave emergidas dos escritos dos alunos mostram o que eles têm interesse em registrar no Diário Identitário. Conforme o quadro acima, além de dados como a escola de origem, o local de trabalho e o curso que desejam frequentar, os alunos dão atenção para gostos e particularidades que, de alguma forma, dizem quem eles são, o estilo musical que gostam de ouvir, os filmes e as séries que estão assistindo e o tipo de leitura com o qual se identificam.

A partir da análise desses escritos, buscou-se responder os questionamentos anteriormente destacados, a fim de entender quem são os jovens que constituem o pré-vestibular. Sendo assim, ao designar esses sujeitos como jovens, faz-se necessário discutir o conceito de juventude e suas implicações para este estudo.

Jovens e juventudes do CEUE

Segundo Leão (2011), os especialistas na área das juventudes são unânimes quanto à diversidade de experiências que configuram o modo de ser jovem na sociedade contemporânea. O autor destaca que os jovens são plurais e que suas identidades dependem do contexto e das relações sociais nas quais estão inseridos, sendo que os processos e os espaços

7. O diário é um caderno pequeno, medindo 15x20cm, cujas páginas são pautadas com 22 linhas.

educativos dos quais participam ultrapassam os muros das escolas.

Ao falar especificamente do jovem brasileiro, Leão (2011) atenta para o caráter heterogêneo da juventude, que é vista como uma categoria de análise construída histórica e socialmente, perpassada pelas diversas posições sociais ocupadas pelos sujeitos e seu grupo, bem como pelas práticas produzidas pelos jovens. Sobre esse aspecto da pluralidade das juventudes, enunciam Margulis e Urresti (2008, p. 29, tradução nossa) que

desta maneira, ser jovem é um leque de modalidades culturais que se abrem com a interação das probabilidades parciais dispostas pela classe, gênero, idade, memória incorporada, instituições⁸.

Quanto à delimitação etária do “ser jovem” no Brasil, Brenner e Carrano (2014) afirmam que essa é uma categoria que inclui sujeitos entre 15 e 29 anos completos, definição que vigora a partir de 2010 com a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 65. Segundo os autores, o grupo de jovens é dividido em três subgrupos: o jovem-adolescente (entre 15 e 17 anos), o jovem-jovem (entre 18 e 24 anos) e o jovem adulto (entre 25 e 29 anos).

Considerando as idades estipuladas em cada um dos três subgrupos e, a partir dos 12 sujeitos estudados, pode-se afirmar que o CEUE possui jovens representantes de todos eles: dois jovens-adolescentes (um com 16 e outro com 17 anos), sete jovens-jovens (três deles com 18 anos, um com 20, dois com 21 e um com 22 anos), dois jovens adultos (um com 26 e o outro com 28 anos). Além disso, um dos sujeitos da pesquisa tem idade fora dos marcos estipulados,

com 37 anos. No entanto, ele será considerado na análise, uma vez que não é apenas o fator etário que delimita o conceito de juventude e, ao se encontrar entre um grupo de jovens, o sujeito adquire algumas características dele. Além disso, é importante destacar que ele, assim como os demais alunos que compõem o grupo do pré-vestibular, também possui o objetivo central de passar no vestibular.

A preparação para os exames vestibulares das universidades públicas parece ser o elemento que aproxima os jovens que constituem o grupo de estudantes do CEUE. Analisando as respostas referentes à palavra-chave “subjetividade”, encontra-se o pensamento de alguns desses sujeitos relacionados a diversos temas, dentre eles, a visão sobre o vestibular⁹:

não são provas que vão medir o quanto podemos ser bons naquilo que fazemos ou medir nosso amor pelo que queremos fazer, provas são apenas testes simbólicos, pois o que realmente importa é a garra após cada dia cansativo, a vontade a cada tropeço, a esperança de que tudo vai dar certo e principalmente o sonho de querer fazer a diferença. (S1).

Analisando o escrito do Sujeito 1 (S1), pode-se observar que os exames vestibulares são vistos como provas seletivas, apenas “testes simbólicos”, incapazes de medir o quão bom alguém realmente é ou não em alguma coisa. Esse relato evidencia a ausência de significado de uma prova feita sem a devida consideração da realidade dos alunos, sem a preocupação com a verdadeira aplicabilidade dos saberes exigidos. Ao falar da diversidade dos jovens que compõem o ensino médio, Dayrell (2009)

8. Traduzido do original: “De esta manera, ser joven es un abanico de modalidades culturales que se despliegan con la interacción de las probabilidades parciales dispuestas por la clase, el género, la edad, la memoria incorporada, las instituciones” (MARGULIS; URRESTI, 2008, p. 29).

9. Os escritos dos alunos foram transcritos e organizados de acordo com a ordem que apareciam no Diário Identitário. Objetivando manter sigilo sobre a identidade deles, optou-se por associar cada relato a um número, na ordem que apareciam. Sendo assim, as falas serão seguidas da letra S (sujeito) sucedida de um algarismo, que define cada aluno que está falando.

destaca que existe uma forte tendência em não se levar o jovem a sério, desestimulando seu protagonismo e sua participação. Como podemos observar, essa participação e esse protagonismo também são desconsiderados quando as instituições elaboram seus processos seletivos.

Os escritos do Sujeito 1 podem ser relacionados ao processo de homogeneização cultural no qual a educação escolar exerceu papel fundamental. Segundo Candau (2011, p. 242), esse processo resulta da construção dos estados nacionais latino-americanos que difundiram e consolidaram “uma cultura comum de base eurocêntrica, silenciando ou invisibilizando vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades”.

Sendo o vestibular a forma de selecionar aqueles que entrarão e aqueles que ficarão fora do ensino superior, surge o questionamento sobre quais cursos são almejados por estes jovens. A análise da palavra-chave “profissão” mostra que dos 12 sujeitos que deixaram seus escritos, 10 deles evidenciaram o que desejam cursar: S1 (Ciências Contábeis), S2 (História), S4 (Psicologia), S5 (Psicologia), S6 (Engenharia Civil), S7 (Ciências Contábeis), S8 (Enfermagem ou Medicina), S9 (Artes Visuais), S11 (Biologia) e S12 (Biomedicina). Como se observa, os 10 escritos evidenciam 8 cursos (ou 9, uma vez que o Sujeito 8 aponta duas possibilidades), sendo que o desejo em cursar Psicologia e Ciências Contábeis aparece em 2 jovens.

Mas como se dão essas escolhas profissionais? São escolhas feitas por quais motivos? O que faz com que cada sujeito escolha determinada profissão? Os escritos de alguns dos sujeitos respondem a esses questionamentos, mostrando que nem sempre é fácil escolher qual trajetória profissional seguir.

A fala do Sujeito 2 revela uma série de dúvidas sobre qual curso seguir. Com 21 anos, tendo parado de estudar por um ano, o jovem salienta que concluiu o ensino médio e resolveu fazer o pré-vestibular, mas com dúvidas quanto

a cursar produção audiovisual, enfermagem ou história, tendo optado pela última:

Decidi ser professor de história. Professor porque sempre gostei do meio escolar e nunca me imaginei sentado e parado em um mesmo lugar, eu gosto da função de lidar com pessoas. (S2).

A trajetória de vida escrita pelo Sujeito 2 vai ao encontro do conceito elaborado por Pais (2005) referente a “trajetórias ioiôs”, pois elas não seguem um rumo determinado, vão e voltam de acordo com as possibilidades presentes na vida dos jovens.

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas e modeladas em função dos indivíduos e seus desejos, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem de casa dos pais, para qualquer dia voltarem; abandonam os estudos, para os retomarem tempos passados; encontram um emprego, e em qualquer momento se veem sem ele; as suas paixões são como “voos de borboleta”, sem pouso certo; se casam, não é certo que seja para toda a vida... São estes movimentos oscilatórios reversíveis que o recurso à metáfora do ioiô ajuda a expressar. (PAIS, 2005, p. 58).

As dúvidas quanto à profissão não apenas do Sujeito 2. Ao analisar a fala de outros jovens investigados, pode-se observar que eles nem sempre chegam decididos ao pré-vestibular e enfrentam alguns dilemas quanto à escolha do curso:

Ao ter que escolher meu curso me deparei com duas opções opostas, minhas duas paixões: biologia e artes. Então, optei pela área que me acompanha indiretamente, desde pequena: Artes Visuais. Arriscado? Talvez. (S9).

A fala do Sujeito 9 revela a dificuldade em escolher entre duas opções tidas como “paixão”:

Biologia ou Artes. Apesar da dificuldade de escolha, o aluno acaba optando pelo curso que, de alguma forma, o “acompanha”, embora o considere “arriscado”. O que faz o aluno considerar a profissão de artista visual como arriscada? Qual o sentido do conceito de arriscado para o Sujeito 9? Esses são alguns questionamentos pontuados. Como o sujeito não indica respostas para a pergunta “Arriscado?”, podemos inferir que a dificuldade de reconhecimento profissional da área seja uma alternativa para o risco. O Sujeito 5 também revela dúvidas quanto à escolha profissional, salientando que já pensou em “fazer vários cursos”:

Já pensei em fazer vários cursos, mas vi que a maioria deles são apenas hobby, então decidi por psicologia, pois tenho grande interesse pela mente humana. (S5).

O interesse “pela mente humana” salientado pelo aluno pode ser observado a partir da análise dos escritos das palavras-chave Filme/Séries e Literatura. Ao falar das suas leituras e dos filmes que costuma assistir, o sujeito afirma:

Costumo ler fantasia e adoro filmes com bastante diálogo e que mexem com o psicológico das pessoas. Os filmes que costumo ver seguem o mesmo estilo. (S5).

Apesar de os Sujeitos 2, 9, e 5 (S2, S9 e S5), mesmo com dúvidas quanto à escolha, optarem por cursos que venham satisfazê-los profissionalmente, essa não é uma regra geral. Os escritos do Sujeito 1 revelam que nem sempre a satisfação profissional é o que mais pesa na hora de escolher um curso, existindo outros fatores a serem considerados:

Durante um bom tempo eu me questioneei sobre o que fazer em relação aos cursos. Sempre fui apaixonada por história, mas também sempre levei jeito para matemática, por isso e pelo lado financeiro resolvi optar

por Contábeis. Sei que muitos de vocês vão ler e achar que não é o que deve ser feito, que é uma decisão equivocada optar pela garantia de estabilidade financeira. Entretanto, quem passou necessidade, mesmo que indiretamente, sente medo de passar pela mesma situação, por isso optei por Ciências Contábeis. Primeiro por já estar inserida no mercado de trabalho e depois para levantar fundos para o segundo plano, que é fazer história. (S1).

O trecho mostra que tendo dúvidas, o jovem acaba optando por algo que não é sua paixão, mas sim algo em que ele “leva jeito” e que pode lhe proporcionar melhor retorno financeiro. Tendo que optar entre o curso de História e o curso de Ciências Contábeis, o aluno opta por este, acreditando na possibilidade de alcançar uma melhor condição social a partir da profissão. Essa escolha pode ser explicada, em parte, pela trajetória do aluno. Ao falar da sua escolha, ele afirma que sabe que pode ser “uma decisão equivocada optar pela garantia de estabilidade financeira”, mas que, no entanto, “quem passou necessidade, mesmo que indiretamente”, teme passar por tal situação novamente, optando por um curso visto por ele como o que lhe proporcionará estabilidade financeira. Apesar disso, o sujeito não desiste de realizar seu sonho de cursar História. A escrita mostra o interesse do aluno em retornar à universidade para fazer a segunda graduação. Esse fenômeno pode ser relacionado às expectativas da população por mobilidade escolar e social, que segundo Brenner e Carrano (2014) são depositadas no ensino médio e, principalmente, no ensino superior.

Enquanto os escritos até agora analisados revelam dúvidas quanto às escolhas das profissões, outros alunos mostram certeza quanto ao que cursar. A análise do que diz o Sujeito 7 mostra que a sua escolha profissional não é uma decisão imediata e recente, mas o resultado de uma trajetória de vida. De acordo com seu escrito, o curso irá legitimar uma função

que vem sendo exercida:

Trabalho no exército brasileiro há quase 10 anos e lá descobri o prazer da minha vida nos balancetes. Por isso decidi fazer Ciências Contábeis na UFRGS. (S7).

O trecho mostra que a escolha profissional do Sujeito 7 decorre do “prazer”, além de revelar a experiência de uma década exercendo atividades relacionadas à profissão de contabilista. Assim como ele, os Sujeitos 4 e 11 também têm suas escolhas profissionais definidas:

Acredito que farei psicologia porque tenho grande interesse pela área e desejo trabalhar com cura. (S4).

Irei fazer o vestibular da UFRGS pela quarta vez, tentando entrar pela terceira em Biologia. (S11).

Analisando a idade dos Sujeitos 4, 7 e 11, é possível depreender que a certeza profissional é fruto da idade, uma vez que ambos já não são mais jovens-adolescentes (possuem 20, 28 e 21 anos, respectivamente). No entanto, a certeza profissional mostra-se também em uma aluna jovem-adolescente, com 16 anos, que afirma não ter dúvidas:

Meu sonho é ser biomédica, amo o curso e me identifico totalmente; não tenho dúvida que minha área seja essa da saúde, envolvendo animais e natureza. (S12).

Embora sem salientar qual o curso

pretendido, os escritos do Sujeito 10 revelam os motivos que o levaram a tentar o ingresso no ensino superior, observando-se, mais uma vez, as expectativas por mobilidade social, destacadas por Brenner e Carrano (2014):

Nunca tive interesse em fazer ensino superior, mas como trabalho no comércio há cinco anos, vi que é necessário para crescer na carreira profissional. (S10).

Ainda que esteja duvidoso entre duas profissões, o Sujeito 8 apresenta os motivos que o levam a pensar em cursar Medicina ou Enfermagem. Mesmo já possuindo uma formação, o aluno anseia em cursar uma segunda graduação:

Desde que fiz um curso de socorrista me encantei com a área da saúde e gostaria de ter outra opção além da Biologia. (S8).

A partir dos escritos dos sujeitos selecionados, foi possível perceber que as expectativas com relação ao futuro, principalmente na área profissional, são enormes e que suas vivências anteriores possibilitam pensar em alternativas (ou certezas) de qual curso selecionar para o vestibular. Portanto, a ideia de que os jovens vivem uma moratória social e vital, tempo de descanso e descontração, não se aplica a todos os sujeitos¹⁰. Por serem jovens oriundos de setores menos favorecidos economicamente, a percepção da necessidade de uma profissão, a dúvida entre seguir seus sonhos e pensar na parte financeira está presente em seus escritos e nas suas possibilidades de escolhas.

10. Os estudos relacionados com as juventudes iniciaram a partir de uma perspectiva de vida burguesa, nos quais a juventude seria considerada o espaço de tempo que vai desde a adolescência (com suas mudanças físicas e psicológicas) até a autonomia da família, ou seja, a condição de adulto independente. Essa independência seria tanto econômica quanto familiar, pois esse sujeito não viveria mais com os pais e estaria em busca de constituir uma nova família, inclusive com filhos, tendo possibilidade de sustentar-se sem apoio familiar. De acordo com Margulis e Urresti (2008), essa ideia de juventude como um espaço de transição, uma ligação entre a infância e a idade adulta, vincula esses jovens a um período de moratória social e vital. Contudo, isso não está presente para todos os jovens.

Finalizando: tecendo relações e projetando pesquisas de uma zona fronteiriça

O número de alunos do CEUE que conseguiu ingressar na Universidade a partir da preparação das turmas de 2014 mostra que o pré-vestibular tem cumprido seu objetivo de prepará-los para a prova da UFRGS, uma vez que 49 sujeitos ingressaram em diferentes cursos. Quanto às turmas de 2015, mesmo que ainda não tenham realizado a prova de admissão quando os escritos foram coletados, as falas de alguns alunos mostram que o curso já foi significativo por si só, como nos escritos do Sujeito 6, que demonstram a importância dos professores das disciplinas:

No CEUE, acredito que vou passar no vestibular, pois tem ótimos professores (que sempre quis ter nas minhas escolas públicas). (S6).

A aplicação do Diário Identitário mostrou-se como uma significativa metodologia para responder aos questionamentos elencados no início deste trabalho, centrados na tentativa de entender quem são os jovens que compõem o CEUE. Além de possibilitar respostas às perguntas previamente propostas, os escritos dos alunos revelaram suas subjetividades, que, quando sistematizadas e analisadas, evidenciam a heterogeneidade do grupo de jovens, ao mesmo tempo em que mostram semelhanças que permitem a articulação do grupo.

O questionamento sobre a escolha profissional dos alunos revelou a variedade de cursos almejados. Dos dez alunos que expuseram sua escolha, nove foram apontados: Ciências Contábeis, História, Psicologia, Engenharia Civil, Enfermagem ou Medicina, Artes Visuais, Biologia e Biomedicina. Tomando como fio condutor deste estudo a escolha profissional

dos alunos do curso pré-vestibular, as falas dos estudantes revelam como cada sujeito expressa seus anseios, dúvidas e dificuldades no processo de escolha profissional, que fazem com que alguns escolham cursos por “paixão” e outros por possibilidade de ascensão social.

É necessário pensar nesses jovens que estão buscando melhores possibilidades de vida a partir dos cursinhos pré-vestibulares populares. Conforme afirmam Pereira, Raizer e Meirelles (2010), de alguma forma esses jovens são diferenciados, não só pelas possibilidades econômicas de financiar ou não um cursinho pré-vestibular, mas também pelo desejo de continuar ou retomar os estudos e ingressar em uma faculdade. Esses jovens concluíram o ensino médio, etapa educacional que necessita de reorganizações, pois apresenta problemas relacionados à evasão escolar, repetência e distorção idade-série. Além de concluírem (ou estarem prestes a finalizar o ensino médio), desejam ingressar em instituições de ensino superior. Portanto, é importante que o cursinho popular favoreça momentos de conversa e trocas de experiências para que esses sujeitos aprendam que, se a sociedade é desigual, devemos lutar por condições mais igualitárias e buscar estratégias que propiciem alcançar um tensionamento social, de maneira a possibilitar alternativas de vida que estavam fechadas anteriormente.

Além disso, este estudo é particularmente interessante porque considera sujeitos que estão em uma zona fronteiriça entre o ensino médio e o ensino superior. Uma série de estudos atenta para essas duas modalidades formais de ensino, no entanto, o processo preparatório para o vestibular revela-se como uma área a ser explorada.

As observações realizadas neste trabalho corroboram os desafios enfrentados pela Universidade em relação às pluralidades juvenis, desafios estes apresentados em estudos como os

de Lacerda e Godinho (2014), que mostram a heterogeneidade dos alunos que estão chegando ao ensino superior. Não almejamos encerrar a discussão, mas pelo contrário, despertar o interesse em estudos voltados para esse grupo, preocupando-se não apenas com a chegada desses sujeitos no ensino superior, mas também com a sua permanência nessa etapa de ensino.

Referências

BACCHETTO, J. G. **Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo** (1991-2000): a luta pela igualdade no ensino Superior. 2003. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-07082003-114804/pt-br.php>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

BARBOSA FILHO, E. L. **Pré-vestibulares comunitários: movimentos sociais de educação da década de 1990**. 2010. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://educacao.unirio.br/uploads/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20PPGEDU%20-%20Elson%20Luiz.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

BASTOS, M. H. C.; ERMEL, T. de F. Ingresso ao ginásio: os manuais de preparação ao exame de admissão (1950-1970). In: COLÓQUIO ENSINO MÉDIO, HISTÓRIA E CIDADANIA, 7., 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/view/2559/2010>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

BISSERET, N. A ideologia das aptidões naturais. In: DURAND, J. **Educação e hegemonia de classes**. São Paulo: Mestre Jou, 1971. p. 15-40.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 39-64.

BRASIL. Decreto nº 11.530, de 18 de março de 1915. Reorganiza o ensino secundário e o superior na República. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, RJ, 20 mar. 1915. Seção 1, p. 3028 (Republicação). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11530-18-marco-1915-522019-republicacao-97760-pe.html>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

_____. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 dez. 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5540.htm#art21>. Acesso em: 15 jan. 2016.

_____. Decreto nº 68.908, de 13 de julho de 1971. Dispõe sobre concurso vestibular para admissão aos cursos superiores de graduação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 jul. 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D68908.htm>. Acesso em: 15 jan. 2016.

BRENNER, A. K.; CARRANO, P. C. R. Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1223-1240, out./dez. 2014. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014143847>

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Revista Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011.

DAYRELL, J. Uma diversidade de sujeitos. O aluno do ensino médio: o jovem desconhecido. **Salto para o Futuro**, Brasília, ano 19, boletim 18, p. 16-23, nov. 2009.

ENEM 2015: **Redação**. 2015. Disponível em: <<http://www.enem2015.net.br/category/redacao>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

LACERDA, M. P. C. de; GODINHO, J. M. Desafios à universidade: a questão das pluralidades juvenis. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (SUL), 10., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPED, 2014. p. 1-18.

LEÃO, G. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA, 4., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Editora da PUC Minas, 2011. p. 99-115.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: _____. (Ed.). **La juventud es más que una palabra**: Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 2008. p. 13-30.

PAIS, J. M. Labirintos da vida e trajetórias ioiô. In: _____. **Ganchos tachos e biscates**. Lisboa: Ambar, 2005. p. 55-69.

PEREIRA, T. I. **Pré-vestibulares populares em Porto Alegre**: na fronteira entre o público e o privado. 2007. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10863/000601997.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

PEREIRA, T. I.; RAIZER, L.; MEIRELLES, M. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 17, n. 1, p. 86-96, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/viewFile/2029/1262>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

WHITAKER, D. C. A. Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 289-297, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v11n2/v11n2a13.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

Submetido em 1º de março de 2016.

Aprovado em 28 de março de 2016.